

Walter Benjamin e o desânimo

Tatiana Salém Levy

Valor, 20/11/2020

Em busca do sentido que nos deixou de uma hora para outra, gosto de ler escritores e pensadores que viveram o fim do mundo em outras épocas

A pandemia instaurou uma experiência de coletividade que há muito tempo não vivenciávamos. Uma experiência dolorosa e indesejada, é verdade, mas que acabou gerando o sentimento de que, afinal, estamos todos no mesmo barco. Nas minhas leituras de Nietzsche, me perguntei com frequência como teria sido, no fim do século XIX, a vivência coletiva de uma sociedade niilista, que se vê de repente esvaziada de sentido. Acho que até hoje eu tinha dificuldade de entender de que forma um sentimento poderia tomar conta de tanta gente ao mesmo tempo. Eis que agora somos bilhões desanimados por um vírus, sofrendo de apatia, da sensação de que tudo parou e a gente não sabe quando nem se vai voltar a andar. Num instante, o sentido se esvaiu.

Talvez fosse essa a sensação dos contemporâneos de Nietzsche e de Kafka. Talvez fosse essa também a sensação de Hannah Arendt e Walter Benjamin algumas décadas depois, quando resolveram fugir do nazismo no princípio da sua ascensão, refugiando-se na França. Em seguida, com o acirramento da guerra, eles decidiram atravessar a Europa até o porto de Lisboa, onde um navio os levaria rumo aos EUA. Hannah Arendt conseguiu: atravessou o Atlântico e chegou ao seu novo país com os manuscritos do amigo embaixo do braço. Walter Benjamin, por sua vez, se suicidou tragicamente na fronteira entre França e Espanha, receando que, sem um passaporte válido, fosse pego no caminho. No livro “Nos passos de Hanna Arendt” (Record), a biografia da filósofa que tive a alegria de traduzir muitos anos atrás, Laure Adler narra em detalhes a fuga dos dois e seu triste desfecho.

Em busca do sentido que nos deixou de uma hora para outra, gosto de ler escritores e pensadores que viveram o fim do mundo em outras épocas. Faz com que pareçam mais atuais do que nunca, ganhando significados que antes não teriam, numa junção dos tempos. Por falar em junção dos tempos, poucos filósofos compreenderam tão bem quanto Benjamin a história como o encontro entre passado e presente, ou como aquilo que do passado há no presente. Com seu texto “Sobre o Conceito da História” (In: “Obras Escolhidas, vol. 1”. Trad. Sérgio Paulo Rouanet, Brasiliense), ele traz para a ordem da experiência aquilo que é comumente abordado como fato empírico. O passado nos interessa como experiência presente, no agora.

Eis uma tradução filosófica para a madeleine de Proust: “Articular historicamente o passado não significa conhecê-lo como ele de fato foi. Significa apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja no momento de um perigo.” Um relâmpago, uma centelha, que não faz parte do conhecimento da realidade tal como ela foi, isto é, da realidade factual, mas da imaginação como experiência. Uma imagem que passa veloz, tal como as imagens de um filme, ou como num sonho, impossível de agarrá-la, de contemplá-la, eis de que forma o passado se revela.

A ideia do passado como imagem única e inesperada, um clarão repentino, é crucial no pensamento de Benjamin. Enquanto o historicista, que ele critica, trabalha com uma imagem “eterna” do passado, ele “faz desse passado uma experiência única”. Para o historicismo, a ideia de progresso da humanidade se encontra na concepção de marcha “no interior de um

tempo vazio e homogêneo”. Criticar a ideia de progresso - coisa que Benjamin faz em vários de seus textos, sem com isso deixar de elogiar as inovações de seu tempo - é criticar essa marcha, pois a história não se dá num tempo homogêneo e vazio, mas num “tempo saturado de agoras”. Em vez de pensar a história como um bloco de fatos, Benjamin propõe não apenas o movimento das ideias, mas também a sua imobilização: “Quando o pensamento para, bruscamente, numa configuração saturada de tensões, ele lhes comunica um choque”. Arendt diria que é justamente nesse ponto em que para o pensamento, que devemos insistir nele.

A imobilização da imagem em Benjamin pode ser representada pelo quadro “Angelus Novus”, de Paul Klee, ao qual ele dedica um fragmento de seu ensaio. O anjo pintado parece querer se afastar de algo que ele olha fixamente, espantado. “O anjo da história deve ter esse aspecto. Seu rosto está dirigido para o passado. Onde nós vemos uma cadeia de acontecimentos, ele vê uma catástrofe única, que acumula incansavelmente ruína sobre ruína e as dispersa a nossos pés”, diz Benjamin. Uma tempestade o impele para o futuro, para o qual ele vira as costas, “enquanto o amontoado de ruínas cresce até o céu. Essa tempestade é o que chamamos progresso.”

Ter o rosto dirigido para o passado, mas com os olhos escancarados e a boca dilatada, significa ser tocado “por um sopro do ar que foi respirado antes”. Pergunta Benjamin: “Não existem, nas vozes que escutamos, ecos de vozes que emudeceram?” Essas vozes, cada vez menos ouvidas, aparecem em outro ensaio desse mesmo volume de suas obras completas: “O Narrador. Considerações sobre a Obra de Nikolai Leskov.” Nele, Benjamin defende que a arte de narrar está acabando - isso, em 1936. Imaginem agora.

A narrativa se diferencia do romance, cuja ascensão ocorre no século XIX, pelo seu caráter oral e coletivo. Existem dois tipos de narradores: o camponês sedentário e o marinheiro comerciante. O primeiro é aquele que conhece como ninguém as histórias da terra e suas tradições; o segundo vem de longe, viaja. Ambos acumulam experiências - próprias e dos outros - e as transmitem de geração em geração numa espécie de fio de Sherazade, construindo uma rede narrativa que remete há milênios de história. Mas, no século XX, constata Benjamin, “a faculdade de intercambiar experiências” está em extinção. As experiências estão deixando de ser comunicáveis, se fechando em cada um. O romancista, ao contrário do narrador, se isola.

É verdade que cada vez mais nos chegam histórias do mundo. Todos os dias somos bombardeados com informações. Rapidamente sabemos o que se passa na Síria ou na Nova Zelândia. Ao mesmo tempo, “somos pobres em histórias surpreendentes”. A razão para isso é que “os fatos já nos chegam acompanhados de explicação”. As notícias se fundam na novidade, enquanto a arte de contar histórias consiste na arte de contá-las de novo. “A experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorrem todos os narradores”, afirma Benjamin.

Nesse aspecto, as culturas indígenas são hoje, nas Américas, na África e na Oceania, a pequena resistência da arte do narrador. Os indígenas continuam passando suas histórias e tradições para as novas gerações, fazendo delas não um mundo à parte, mas a própria constituição de suas identidades, fundadas na narrativa e na escuta. Porque o narrador só conta se ouvir. Eu diria que a extinção da narrativa se deve, primeiro, à nossa incapacidade de escutar os outros. Se a leitura solitária do romance já aparecia para Benjamin como ato de isolamento, o que dizer do universo das telas, que acaba de vez com a experiência alheia?

Benjamin conta que, ao retornarem da Primeira Guerra mundial, os soldados voltaram esvaziados de história. Ele não viveu para conhecer o indizível a que nos levou a Segunda.

Fomos cada vez mais nos enchendo de incomunicabilidade no decorrer das décadas posteriores à sua morte. Agora, me resta perguntar se o atual fim do mundo vai nos levar a um esgarçamento ainda maior da experiência coletiva da história ou se vamos, ao contrário, retomar aquilo que na nossa cultura se desfez por todos os lados.

Tatiana Salem Levy, escritora e pesquisadora da Universidade Nova de Lisboa, escreve neste espaço quinzenalmente

E-mail: tatianalevy@gmail.com